

O VÍNCULO DIRETO ENTRE ASSÉDIO SEXUAL, ASSÉDIO MORAL E RELAÇÕES DE PODER NA UNIVERSIDADE

ELÍSIA GABRIELA CARDOSO DA SILVA¹; LORENA ALMEIDA GILL³

¹*Universidade Federal de Pelotas – cardosoelisia@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Segundo o levantamento da organização não governamental Olga, que entrevistou 7,7 mil mulheres de todas as idades, 99,6% delas afirmou já ter sofrido assédio em algum momento de suas vidas, inclusive nas universidades, e na UFPel não é diferente.

Vários mecanismos, entre eles a historiografia, alimentou o sistema patriarcal, que acaba por privilegiar o que, comumente, entende-se por homem, em detrimento ao que, comumente, entende-se por mulher. Segundo Tedeschi (2015, p. 7): “As identidades só se definem por meio de um processo de construção da diferença, processo que é fundamentalmente cultural e social. Ao perpetuar pela história, a memória de certo grupo social produz a diferença e, portanto, a identidade, que leva a práticas de significação do que seja homem ou mulher, em que os significados são impostos por relações de poder.” Exemplificando: para existir o que, até então, é considerado bonito, houve que se construir a imagem do feio e atribuições específicas para tal. Se hoje existem sociedades consideradas primitivas é porque fixou-se um padrão de sociedade moderna e desenvolvida e, sobretudo, tudo aquilo que circunda o ser homem e ser mulher, carrega, corriqueiramente, uma série de requisitos. Como diz Stuart Hall (2003, p. 74), deve-se pensar na identidade como uma “produção, que nunca está completa, que está sempre em processo, e é constituída no interior, e não fora, das representações.” O grupo social que, como supracitado, escreveu e se tornou historicamente hegemônico por isto, foi o de homens brancos. E, bem como Tedeschi (2015) explicou, para firmar seus próprios conceitos sobre si, esses homens se colocaram como padrão, se apoiaram na ideia de um outro aquém deles, e num parâmetro idealizado de inferioridade para esses indivíduos, assegurando assim, uma influência que perdura até os dias atuais.

Quanto ao ser feminino, as reestruturações exaustivas das premissas socialmente impostas refletem-se não apenas nas relações afetivas, mas em todas as relações das mulheres com o meio e, tocante a isso, Scott (1990, p. 14) define gênero enquanto “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Portanto, diante de tais atribuições, a pesquisa que segue em andamento, pretende revelar a maneira silenciosa como o assédio sexual e moral se desdobra no competitivo ambiente acadêmico. Tedeschi, se utilizando de Portelli, assim diz (2015, p.7) “a memória, ao constituir-se como fonte informativa para a história, constitui-se também como base da identidade, por meio de um processo dinâmico, dialético, que contém as marcas do passado e as indagações e necessidades do tempo presente”. Nesta perspectiva, utilizarei da metodologia da história oral como ferramenta para que as mulheres, participantes e protagonistas desta pesquisa, deem voz às suas próprias histórias e não, sintomaticamente, se auto silenciem diante das violências cotidianamente vividas,

tampouco, sejam representadas através de porcentagens que homogeneízam sua dor.

2. METODOLOGIA

Por meio da metodologia da história oral temática têm-se realizado entrevistas, com um roteiro básico de questões. Entrevistas estas, realizadas apenas com mulheres, por mulheres, e gravadas mediante autorização. Como se trata de um assunto psicologicamente complicado e cada mulher, obviamente, lida, comprehende e se posiciona de maneira distinta, o método adotado, apesar de extenso, proporciona, através da conexão entre as entrevistadas, certa segurança a elas, com relação a quem entrevista, justificando assim sua aplicabilidade para a pesquisa em questão.

Futuramente, o material proveniente das gravações, será inteiramente transscrito, enviado para a aprovação das entrevistadas para possíveis adequações, já que, apesar da série de teorias referenciadas, o trabalho oral confere a esses dados, um papel principal.

Os relatos, a partir daí, endossarão os conceitos descritos na Introdução, firmando as reais bases da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar das poucas entrevistas transcritas, tenho muito material relevante. Já é evidente diretas relações de poder principalmente com os relatos de assédio moral, visto que, alguns professores são os únicos a ministrar determinadas disciplinas, e, o prestígio social que atualmente um diploma universitário representa, diretamente atrelado a ideia de derrota pessoal que carrega uma reprovação, torna uma série de alunos dependentes daquele professor, alicerçando e potencializando assim, uma ideia de poder para além do difundido arquétipo hierárquico professor x aluno. Tudo se torna ainda mais severo e delicado quando, somada a hierarquia professor x aluno, se tem a relação professor x aluna. A histórica ideia de inferioridade feminina, tem sujeitado a maioria das alunas, especialmente nas Ciências Exatas, a situações humilhantes.

Entretanto, ao serem questionadas sobre o assédio sexual dentro da universidade ou em alguma festa proposta por algum curso, todas as entrevistadas negaram. Boa parte até relatou alguma passagem num antigo relacionamento, mas não em tempo presente. Contudo, ao serem questionadas acerca de olhares indiscretos, piadas ou trocadilhos invasivos, sobre quantas vezes trocaram de roupa para frequentar ambientes acadêmicos ou em quantos puxões e apalpadas tomaram em festas universitárias, todas trouxeram inúmeras narrativas relacionadas, fazendo-se necessário refletir em como aquelas construções, a partir das diferenças, historicamente delineadas por um determinado grupo, refletiu, hoje, na naturalização do assédio sexual, por exemplo. Uma série de ingerências são, compulsoriamente, ligadas à rotina feminina e essas séries de narrativas só realçaram isso.

4. CONCLUSÕES

Considero imprescindível que, continuamente, pensemos criticamente em como a estrutura sociocultural molda os princípios, as atitudes e até a percepção espacial e pessoal com relação ao outro. É de suma importância também, reconhecermos e enaltecermos sempre os avanços, mas também, ser parte dessa permanente corrente de mudança. Não há escolha enquanto uma parte expressiva da sociedade continua subjugada, seja através de símbolos, de representações e de uma violência explícita, tendo em vista os números que sempre aumentam em se tratando desta temática.

Ademais e por fim, enquanto futura historiadora, na medida do possível, pretendo seguir tentando representar, da melhor maneira possível, a expressão falada das mulheres, porque é preciso e fundamental se contar outra história.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigo

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os lugares da História Oral e da Memória nos Estudos de Gênero. **OPSIS**, Catalão, v. 15, n. 2, p. 330-343, 2015.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.14.

Documentos eletrônicos

Ética e Realidade Atual. **Assédio sexual e sua relação com o poder nas organizações**. ERA, Rio de Janeiro, 24 mai. 2012. Acessado em 24 set. 2017. Online. Disponível em: <http://era.org.br/2012/05/assedio-sexual-e-sua-relacao-com-o-poder-nas-organizacoes/>

Governo do Brasil. **Assédio afeta saúde física e emocional das mulheres**. Portal Brasil, 7 mar. 2017. Acessado em 24 set. 2017. Online. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/assedio-afeta-saude-fisica-e-emocional-das-mulheres>

Ong Olga. Acessado em 24 set. 2017. Online. Disponível em: <http://thinkolga.com/a-olga/>